

INTERSECÇÃO E AFETOS DA PESSOA PRETA LGBTQIAPN+: REVISÃO TEÓRICO FENOMENOLÓGICA BASEADA NO CUIDADO EXISTENCIAL

INTERSECTION AND AFFECTIONS OF BLACK LGBTQIAPN+ PEOPLE: THEORETICAL PHEONOMENOLOGICAL REVIEW BASED ON EXISTENCIAL CARE

Magda Silva dos Santos¹
Rafael Souza Pinho da Silva²
Diogo Arnaldo Corrêa³

RESUMO

Análise integrativa acerca dos afetos vivenciados pela pessoa preta LGBTQIAPN+ a partir de 7 artigos selecionados através de levantamento da produção científica que objetivou compreender de que modo se apresenta, na produção científica em Psicologia, as articulações sobre interseccionalidade e expressões de afeto da pessoa preta LGBTQIAPN+ com base na noção de cuidado. O estudo revelou que a afetividade da pessoa preta LGBTQIAPN+ é golpeada por atravessamentos que contrapõem sua autenticidade e escolhas não somente nas relações, mas na própria condição de ser-aí que, no exercício do cuidado acaba enfrentando estigmas que forçam sua existência à uma padronização mais aceitável socialmente, gerando sofrimento. Portanto, urge a necessidade da desconstrução de um mundo simbólico de valores limitantes para que todo *Dasein*, independentemente de sua etnia, sexualidade e identidade de gênero, efetive sua liberdade e afetos sendo-no-mundo-com-os-outros, explicitando o cuidado que legitima seu ser próprio.

Palavras-chaves: intersecção; afeto; LGBTQIAPN+; negritude; Fenomenologia.

ABSTRACT

Integrative analysis of the affections experienced by black LGBTQIAPN+ people based on 7 articles selected through a survey of scientific production, which aimed to understand how intersectionality and expressions of affection of black LGBTQIAPN+ people are presented in scientific production in Psychology, based on the notion of care. The study revealed that the affectivity of black LGBTQIAPN+ people is hit by crossings that oppose their authenticity and choices not only in relationships, but also in the very condition of being-there, which, in the exercise of care, ends up facing stigmas that force their existence into a more socially acceptable standardization, generating suffering. Therefore, there is an urgent need to deconstruct a symbolic world of limiting values so that every *Dasein*, regardless of their ethnicity, sexuality and gender identity, can realize their freedom and affections by being-in-the-world-with-others, making explicit the care that legitimizes their own being.

Keywords: intersection; affection; LGBTQIAPN+; blackness; Phenomenology.

¹ Graduanda do Curso de Psicologia (Bacharelado). Universidade de Mogi das Cruzes (UMC), Mogi das Cruzes, SP. E-mail: magdasilva.snts@gmail.com

² Graduando do Curso de Psicologia (Bacharelado). Universidade de Mogi das Cruzes (UMC), Mogi das Cruzes, SP. E-mail: psi.rafaelpinho@gmail.com

³ Doutor em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP (PUC-SP). Universidade de Mogi das Cruzes (UMC), Mogi das Cruzes, SP; Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, SP; Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial Frankliana (SOBRAL), São Paulo, SP. E-mail: diogocorrea@umc.br

1 INTRODUÇÃO

Pessoas pretas podem enfrentar desafios específicos ao vivenciarem o afeto, considerando que o racismo e a discriminação influenciam suas experiências afetivas. A vivência afetiva de uma pessoa preta, em relação ao padrão de beleza estabelecido pela sociedade, pode ser influenciada pelos estereótipos de beleza racial que permeiam a cultura.

O padrão de beleza predominante em muitas sociedades frequentemente valoriza características eurocêntricas, como pele clara, traços faciais finos e cabelos lisos. Esses padrões podem criar desafios significativos para pessoas pretas que buscam relacionamentos afetivos, prejudicando tanto sua autoestima quanto as interações com possíveis parceiros.

É perceptível e fatídica a presença de um olhar estigmatizado dos outros em relação a pessoa preta LGBTQIAPN+, sendo importante a reflexão sobre o quanto o preconceito sexual e racial influencia nas vivências afetivas dessa pessoa, que muitas vezes é atravessada compulsoriamente por solidão, hiperssexualização e insegurança nas relações. Para além, é notável, a partir das vivências dos proponentes desse estudo, o desinteresse generalizado do meio acadêmico em produzir literatura sobre a pessoa preta LGBTQIAPN+, sendo esse um interesse mais comum da própria pessoa identificada nessa interseccionalidade.

O afeto habita o cerne das relações humanas, não somente referindo-se aos desdobramentos de se estar no mundo com o outro, mas também nos encontros com tudo que está no mundo, o que inclui objetos, lugares, ideologias, culturas, valores e preconceitos. O *Dasein* é constituído pelos seus modos de ser-no-mundo e ser-em-si, o que refere as suas possibilidades de atribuir significado às coisas, uma vez que é afetado por elas e as afeta. Se uma pessoa encontra sentido em algo ou perde de vista o sentido outrora presente, foi afetada em relação àquele objeto.

E nessas afetações, Sá (2022) aponta o cuidado como um elemento fundamental que unifica todas as diferentes elaborações das várias dimensões estruturais que se desenrolam como parte da exploração temática da noção de ser-

no-mundo. Assim, ao investigar as dimensões afetivas nas interações humanas, simultaneamente analisa-se o papel do cuidado nas relações do *Dasein* com o mundo.

A investigação dos fenômenos afetivos remete ao modo singular de doação dos entes, isto é, ao modo como eles tocam o ser humano e como permitem ser tocados. A própria abertura do *Dasein* é constituída por um componente afetivo, havendo sempre uma atmosfera afetiva em que os entes ao entorno se apresentam como aprazíveis, interessantes, detestáveis ou até indiferentes. Desse modo, o componente afetivo reformula a estrutura do ser-no-mundo para a noção de ser-afetivamente-no-mundo (Dietrich, 2020; Sá, 2022).

Para uma compreensão aprofundada dos afetos, se faz intrínseca e indispensável a consideração das realidades social, econômica, histórica e cultural, tendo cada uma delas a sua influência direta ou indireta nas experiências do *Dasein*. A esse respeito, Dietrich (2020) aponta que, para Heidegger, a dimensão afetiva da existência humana detém o caráter bidimensional, sendo, por um lado, estrutural (os entes estão dispostos em contextos parcialmente pré-definidos pela história) e, por outro, existencial, traço que se apresenta por meio de humores que vinculam o existente humano à sua situacionalidade.

Nesse sentido, “os afetos são para Heidegger a chave de acesso a uma dimensão ontológica estrutural da existência humana” (Dietrich, 2020, p. 57), ou seja, eles são a ponte que permite a travessia do âmbito ôntico para o ontológico ou, ainda, a abertura a partir da qual algo se revela.

A sigla LGBTQIAPN+ refere-se um grupo ou comunidade de pessoas cujo gênero e/ou sexualidade escapa à cisheteronormatividade. As letras representam, respectivamente: lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, queer, intersexuais, assexuais, pansexuais e não-binários. O sinal de adição refere-se à possibilidade de outras identificações de gêneros e sexualidades, tendo em vista que, a partir do momento que se rompe com a binariedade de gênero e com os papéis sociais impostos ao que é tradicionalmente definido como feminino e masculino, são diversas as formas de expressões sexuais e de gênero.

Façanha *et al.* (2021) debatem a própria ideia de identidade a partir da perspectiva de que ela consiste em um constructo tomado como estruturante dos

modos de ser no mundo, representando o aprisionamento do existir humano dentro de categorias previamente dadas. Nesse viés, pode-se dizer que rótulos não comportam a extensão da subjetividade humana no que diz respeito às suas expressões de gênero e sexualidade.

A identificação com os gêneros masculino, o feminino, ambos ou nenhum passa pela subjetividade de cada pessoa, e a atração por parceiros afetivos não se limita à barreira da cisheteronormatividade. Para uma compreensão mais robusta sobre a diferenciação entre a heterossexualidade, a homossexualidade e outras formas de expressão sexual não normativas, é preciso romper com a ideia de uma naturalização das práticas heterossexuais, pensando na fabricação dessa sexualidade pelo capitalismo.

Barreto e Amaral (2021), ao recuperar o que discute Salih (2018), compreendem que o sujeito não cria ou causa as instituições, os discursos e as práticas, mas elas é que criam ou causam o sujeito, determinando seu sexo, sexualidade e gênero. Boffi e Santos (2023), ao citarem Goulart (2018), complementam que o binarismo heteronormativo carrega a cisgeneridade de maneira compulsória, sendo considerado normal ser cisgênero e classificado como patológico ou abjeto tudo o que foge desse padrão de normalidade.

Dessa forma, a sexualidade, norteada por uma binaridade masculino-feminino, é uma produção social construída no decorrer da história humana de acordo com os interesses de instituições capitalistas que visam o controle e a normatização do pensamento – igrejas, escolas, empresas, entre outras.

Não é incomum em discussões cotidianas o uso do argumento da reprodução da espécie para a invalidação de existências LGBTQIAPN+, no entanto, pouco se fala a respeito da origem da ideia de que o sexo só deveria ocorrer em prol da reprodução (não pelo prazer). Além da associação ao pecado, do ponto de vista religioso, essa ideia remete à função que o sistema capitalista encontrou para a heterossexualidade: produzir mais mão de obra.

Nessa lógica, o sexo é reprimido com muito rigor por ser incompatível com a colocação no trabalho, não admitindo-se que a força de trabalho da população dissipe-

se nos prazeres do corpo, exceto para a reprodução de mais pessoas para haver mais produtividade (Barreto; Amaral, 2021).

Desenha-se com mais clareza a perspectiva de que a homossexualidade, a assexualidade e as identidades transexuais, travestis e não-binárias de gênero não existem somente em relação a um ponto fixo e natural constituído pela heterossexualidade e pela cisgeneridade, sendo até mesmo essas o resultado de como se deu o desenvolvimento social da humanidade.

Retomando o componente afetivo, ao tratar-se de entes LGBTQIAPN+, o que se desvela socialmente em uma compreensão coletiva são emoções atreladas ao preconceito: raiva, medo, nojo, indiferença. A naturalização da heterossexualidade, da cisgeneridade e da hegemonia das expressões afetivas estabeleceu-se tão rigidamente no imaginário popular que se tornou frequente a ocorrência de diversas formas de violência contra a comunidade LGBTQIAPN+.

Esses ataques são físicos e sexuais quando gays lidos como afeminados são agredidos nas ruas e mulheres trans e travestis precisam recorrer aos riscos da prostituição pela exclusão do mercado de trabalho formal; são psicológicos e emocionais devido ao estigma que sobrecarrega esses corpos com olhares de aversão, ódio ou até curiosidade (voyeurismo); e são, também, políticos e sociais quando, na atualidade, psicólogos e membros de igrejas insistem na prática de terapias de conversão enquanto projetos de lei inconstitucionais continuam sendo desenvolvidos não pela garantia de direitos que promovam o bem-estar da população, mas pela revogação de direitos já conquistados por anos de luta, como o do casamento homoafetivo.

Façanha *et al.* (2021) afirmam que, apesar de terem sido feitas políticas públicas para que na população a comunidade LGBTQIAPN+ seja considerada em seus direitos, tais políticas são construídas por conceitos e condições baseados nas perspectivas heterossexuais. Refletindo sobre a formulação inadequada de políticas públicas, que pode ser lida como uma forma de violência institucional, é possível pensar nesse enviesamento como resultado de uma falta de preparo e até de interesse dos líderes em compreender as pessoas LGBTQIAPN+. Todas essas

violências geram graves consequências na vida de uma pessoa LGBTQIAPN+, tornando os atravessamentos de sua existência particularmente desafiadores.

Entre potenciais respostas aos contextos de preconceito, “há autosilenciamento, o isolamento, a negação de si mesmo enquanto pessoa, o ensimesmamento, medo diante do discurso de ódio que lhe é direcionado, sentir-se marginalizado pela não utilização do nome social” (Façanha *et al.*, 2021, p. 393).

A partir de toda a complexidade desvelada nos entornos dos modos de ser-no-mundo da pessoa LGBTQIAPN+, o quanto difícil é para essas pessoas relacionarem-se com o outro? Quais empecilhos, inseguranças e preocupações emergem nessas existências em seu encontro com o mundo? O que acontece quando os entes são LGBTQIAPN+ e pretos?

O afeto desempenha um papel crítico na forma como as pessoas negras são percebidas pelos outros, pois a sociedade tende a escolher com quem compartilhar afeto com base em padrões de atração física. Para Santana (2022), ser negro é uma experiência complexa, agravada pela história de embranquecimento forçado no Brasil, onde a elite buscava diluir a população negra através da miscigenação com o objetivo de manter a superioridade dos fenótipos brancos.

Em diversas culturas há uma tendência predominante em valorizar características físicas eurocêntricas, como pele clara, cabelos lisos e traços faciais finos, excluindo ou marginalizando as características naturais de afrodescendentes, como a pele escura, cabelos crespos ou cacheados e traços negroides. A discriminação com base na aparência torna-se uma realidade enfrentada por pessoas pretas, pois é possível que a maioria da população aponte a beleza negra e traços negroides como algo que não é bonito, levando as pessoas negras a questionarem e odiarem suas raízes, alisando seus cabelos, afinando seus narizes e apagando sua verdadeira identidade (Santana, 2022).

Assim, é crucial ressaltar a prática conhecida como objetificação do corpo negro, que ocorre quando se destaca predominantemente o aspecto sexual da pessoa preta. Em muitos casos, os corpos negros são hipersexualizados ou considerados exóticos, o que significa que são vistos como excessivamente sexuais ou promíscuos, levando-os a sua objetificação, como concorda Silva (2021) ao enfatizar que o racismo

velado coloca a pessoa negra em uma posição fetichizada, onde ocorre um conflito entre ser desejado de maneira autêntica e ser reduzido apenas a objeto de desejo. Esse enfoque prejudica sua capacidade de formar relacionamentos genuínos e de serem reconhecidas como seres humanos completos, com emoções e conexões afetivas significativas.

Mesmo após a abolição da escravidão, o racismo estrutural perpetua a dinâmica da fetichização, deixando marcas profundas no imaginário social. A sociedade nega historicamente a dimensão afetiva da mulher preta, colocando-a como objeto, tratando seu corpo como não digno de amor. E, no caso do corpo negro masculino, a concepção generalizada é de um corpo que necessariamente deve exercer uma hipermasculinidade, marcada pela exacerbada virilidade, além de uma constante necessidade sexual (Colombo, 2020; Silva, 2021).

Para a compreensão das afetações específicas vividas por uma pessoa preta LGBTQIAPN+, é preciso entender do que se trata uma intersecção. A interseccionalidade pode ser entendida como um dispositivo teórico-metodológico pelo qual se torna possível entender as múltiplas opressões pelas quais passam grupos sociais devido a aspectos como gênero, raça, classe, sexualidade (Silva; Silva; Rodriguez, 2020). Pessoas pretas que se identificam como LGBTQIAPN+ vivenciam a intersecção entre raça, gênero e sexualidade, e por consequência, experienciam múltiplas formas de preconceito e marginalização, enfatizando-se que a discriminação e a opressão não são vivenciadas igualmente por todos.

Crenshaw (2002) argumenta que a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento. Isso significa que as experiências de discriminação não são separadas, mas entrelaçadas. Assim, pessoas pretas LGBTQIAPN+ podem enfrentar racismo dentro da comunidade LGBTQIAPN+ e homofobia ou transfobia dentro da comunidade negra, levando a sentimentos de isolamento. Pode-se dizer que a intersecção de identidades pode resultar em um estigma duplo (triplo ou até múltiplo), tornando a busca por aceitação e apoio mais desafiadora.

Com base no exposto, esse estudo teve como objetivo geral compreender de que modo se configuram, na produção científica em Psicologia, as articulações sobre interseccionalidade e expressões de afeto da pessoa preta LGBTQIAPN+ com base na noção de cuidado, conforme defendido por Heidegger. E como objetivos específicos: discutir a respeito da intersecção das questões raciais e de gênero; descrever compreensões sobre expressões afetivas à luz da Fenomenologia-Existencial em Psicologia; e analisar na produção científica selecionada, de modo integrativo, com base na noção de cuidado, as possíveis interlocuções sobre interseccionalidade e expressões de afeto da pessoa preta LGBTQIAPN+.

O estudo nuclearizou a necessidade de compreender como essas vivências afetivas são descritas na produção científica, uma vez que a intersecção dessas identidades complexas (ser preta(o) e fazer parte da comunidade LGBTQIAPN+) podem resultar em experiências que ainda não foram totalmente exploradas sob a perspectiva fenomenológico-existencial.

Pretendeu-se também promover a discussão dessas e questões adjacentes ao tema no meio acadêmico e científico para que seja nutrido o interesse na produção de conteúdos voltados à compreensão da identidade preta LGBTQIAPN+.

Em potência, a promoção de discussões e produção de pesquisas que aprofundem o entendimento dessas identidades poderá estimular a construção do pensamento crítico em termos de prevenir e/ou combater preconceitos e elevar o interesse na construção de uma sociedade de maior inclusão, saúde e bem-estar para a pessoa preta LGBTQIAPN+.

Como uma das bases de motivação pessoal, o estudo se ampara no fato de a pesquisadora e o pesquisador se identificarem, cada um, com um dos traços que compõem a interseccionalidade que centraliza esse estudo: uma pesquisadora preta e um pesquisador LGBTQIAPN+.

E, defendendo o escopo de revisão da produção científica, o estudo lançou-se na tentativa de reafirmar alguns dos pontos centrais do referencial teórico sustentado no que tange aos fatores que influenciam como uma pessoa preta LGBTQIAPN+ vive os afetos em suas relações, tais como: preconceito sexual e de gênero, racismo,

objetificação e hiperssexualização dos corpos pretos LGBTQIAPN+, padrões eurocêntricos de beleza socialmente impostos, entre outros.

2 MÉTODO

Consistiu em uma pesquisa básica, exploratória, de análise qualitativa do levantamento da produção científica (artigos) sobre a temática. Piovesan e Temporini (1995) descrevem a pesquisa exploratória como uma abordagem preliminar que visa desenvolver uma compreensão inicial de um fenômeno, permitindo ao pesquisador explorar uma área pouco conhecida através de técnicas diversas, geralmente com amostras pequenas, e identificar potenciais dificuldades ou obstáculos, obtendo uma visão mais precisa e refinada do problema, facilitando o planejamento de estudos mais abrangentes.

O levantamento dos artigos científicos foi realizado a partir da base de dados Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) no período de 2014 a 2024 nos idiomas Língua Portuguesa, Inglês e Espanhol considerando como termos de busca combinados "Preto" AND "Afeto", "Negro" AND "Afeto", "LGBT" AND "Afeto", "Gay" AND "Afeto" AND "Psicologia", "Preto" AND "Fenomenologia", "Negro" AND "Fenomenologia", "LGBT" AND "Fenomenologia" e "Gay" AND "Fenomenologia".

Quanto ao procedimento do levantamento da produção, os termos de busca combinados foram inseridos na aba de busca da base de dados definida e com o corte transversal estipulado em relação aos anos de abrangência. Os artigos que resultaram das buscas foram inseridos em planilha no Excel®. Finalizadas as buscas, os artigos que se apresentaram repetidos por duplicidade foram excluídos, mantendo-se apenas uma de suas edições.

O próximo passo de refinamento na seleção consistiu em ler os resumos dos artigos selecionados, sendo excluídos aqueles que não apresentaram convergências com o tema da pesquisa. Aos artigos que constituíram o resultado parcial de seleção até essa etapa foi aplicada a leitura na íntegra para realização de último corte, visando a configuração da amostra. E foi confeccionada uma segunda planilha com os artigos

selecionados para análise e discussão constando uma coluna para cada item: ano, autoria, título e link de acesso.

Na Figura 1 apresenta-se o fluxo do levantamento e seleção dos artigos nas bases de dados e conforme o procedimento estabelecido assinalando o resultado em cada um dos processos e a amostra definida para análise e discussão totalizando 7 artigos.

Figura 1 – Fluxograma do levantamento e seleção dos artigos



Com a combinação "Preto" AND "Afeto" foram localizados 20 artigos, sendo todos excluídos com base na leitura de seus respectivos resumos devido a uma dupla utilização do termo afeto na língua inglesa, traduzido para "affect", comumente utilizado para referir-se ao "efeito" de algo. Nesse caso, os artigos encontrados referiam-se a efeitos de chás, medicamentos, aleitamento materno, entre outros, mas não discutiam questões afetivas da pessoa preta.

Com a combinação dos termos "Negro" AND "Afeto" foram encontrados 18 artigos, entre os quais somente 1 foi selecionado, sendo excluídos os demais devido a não compatibilidade com o enfoque do presente trabalho; e, combinados, os termos "LGBT" AND "Afeto" decorreram em 5 artigos, todos excluídos por utilizarem amostras com variáveis específicas para suas discussões, predominando questões singulares para além da própria sexualidade ou etnia dos participantes.

Com os termos combinados "Gay" AND "Afeto" AND "Psicologia" foram levantados 19, dos quais 3 foram selecionados e 16 excluídos por não abordarem nada relevante sobre a afetividade de pessoas pretas LGBTQIAPN+. Já os termos combinados "Preto" AND "Fenomenologia" oportunizaram a localização de 2 artigos, ambos excluídos por referirem-se a temas distantes da proposta, tratando-se respectivamente de uma literatura sobre imagem social e outra sobre a expressão da dor da criança com câncer.

Os termos de busca combinados "Negro" AND "Fenomenologia" apontaram 2 produções, sendo 1 selecionada e outra excluída por especificar a percepção de educadores em comunidades quilombolas.

"LGBT" AND "Fenomenologia" evidenciaram 1 artigo que foi selecionado; e com os termos de busca combinados "Gay" AND "Fenomenologia" foi levantado 1 artigo, também elegido para análise.

Assim, o total de artigos encontrados na base de dados resultou em 68, entre os quais 61 não apresentaram correspondência com a temática do estudo, chegando-se a um total de 7 artigos para a análise e discussão.

A análise amparou-se no referencial fenomenológico heideggeriano integrando-se às perspectivas dos artigos a noção de cuidado conforme defendida por Heidegger, em caráter do desvelamento das compreensões sobre o fenômeno, caracterizando a revisão teórica como integrativa.

A noção de cuidado em Heidegger é ressalvada nesse estudo, de acordo com Kahlmeyer-Mertens (2021, p. 77), afirmando que se trata da

[...] estrutura existencial por meio da qual se evidencia que o ser-aí (ente marcado por indeterminação ontológica fundamental) se de termina sempre e a cada vez por meio de seus comportamentos. Destarte, é em meio as ocupações mais cotidianas, junto aos utensílios mais imediatamente a mão e aos propósitos mais comuns, que o ser-aí vem a ser. Assim, no comportamento junto aos entes de uso, justamente no que estes têm de mais ôntico, justamente no que estas ocupações têm de mais existenciárias, o ser-aí se perfaz ontológico e existencialmente como o ente que é. O que, de maneira sucinta, significa dizer que, na existência matizada por cuidado, sua dinâmica existenciária implica no modo de ser existencial, a ôntica em seu caráter ontológico.

3 RESULTADOS

Para análise e discussão obteve-se 7 artigos em língua portuguesa. O ano de publicação, autoria, título e link de acesso são apresentados no Quadro 1.

QUADRO 1 – Artigos selecionados para o estudo

ANO	AUTORIA	TÍTULO	LINK PARA ACESSO
2015	SOUSA, Mónica José Abreu; MOLEIRO, Carla Marina Matos.	Homens gays com deficiência congénita e/ou adquirida, física e/ou sensorial: duplo-fardo social	https://www.scielo.br/j/sess/a/gRpTH5hBbpNW4DXm7hZFvBs/?lang=pt#
2017	CAMPOS BORGES, Carolina de; MAGALHÃES, Andrea Seixas; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha.	Nadando Contra A Corrente: A Vivência Conjugal de Homens Gays e a Heteronormatividade	https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1102437
2017	MATA, Nely Dayse Santos da; SILVA, Marcelo Henrique da; DOMINGOS, Selisvane Ribeiro da Fonseca; JESUS, Maria Cristina Pinto de; MERIGHI, Miriam Aparecida Barbosa.	Adolescentes homossexuais e suas relações com familiares: estudo fenomenológico	https://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/view/5845/html_2
2021	COSTA, Ana Flávia de Sales; EDMUNDO, Odair José Câmara.	Afetividade no território Quilombola: uma práxis possível da psicologia.	https://www.scielo.br/j/pcp/a/8ff5SShh7cQsyknwT4wdwn/?lang=pt
2021	SILVA, Gabriela Boldrini da; MENANDRO, Maria Cristina Smith.	Sobre o amor entre mulheres: apontamentos sobre conjugalidade e sexualidade	https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1286616
2023	BOFFI, Letícia Carolina; SANTOS, Manoel Antônio dos.	Percepções e expectativas de homens trans acerca dos relacionamentos afetivo-sexuais pós-transição	https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1448939
2023	SANTOS, Josenaid Engracia dos; COSTA, Ilêno Izidro da.	Vida contada, vida vivida: racismo e sofrimento psíquico	https://www.scielo.br/j/sssoc/a/vW5wZgF8rRcs6zxQP79VZCD/?lang=pt

No estudo “Homens gays com deficiência congénita e/ou adquirida, física e/ou sensorial: duplo-fardo social”, Sousa e Moleiro (2015) adotaram a Fenomenologia como referencial metodológico, lançando o olhar sobre homens gays com deficiências congénitas ou adquiridas, físicas ou sensoriais. O estudo buscou compreender as

percepções e significados de suas experiências de vida, considerando tanto a vivência da homossexualidade quanto da deficiência. Os participantes foram selecionados por conveniência e incluíam homens gays com mais de 18 anos, apresentando diferentes tipos de deficiência. Esse estudo, para esse trabalho, oferece contribuições de modo crucial para discutir a interseccionalidade ao explorar como as experiências de vida de homens gays com deficiências são moldadas pela sobreposição de múltiplas identidades e formas de discriminação.

A pesquisa “Nadando Contra a Corrente: A Vivência Conjugal de Homens Gays e a Heteronormatividade” foi realizada com base em uma pesquisa aplicada com homens gays em relações conjugais e coabitando com seus parceiros. Nela, Campos Borges, Magalhães e Féres-Carneiro (2017), objetivaram compreender como a heteronormatividade atravessa o relacionamento homoafetivo em seus diversos âmbitos. O estudo apontou para vivências e enfrentamentos específicos de casais homossexuais pouco comuns no cotidiano de casais heterossexuais.

No artigo “Adolescentes homossexuais e suas relações com familiares: estudo fenomenológico” Mata *et al.* (2017) realizaram entrevistas com 12 adolescentes autointitulados homossexuais para levantar questões pertinentes das relações com seus familiares em relação à homossexualidade. Nos resultados, confirmaram a hipótese de haver presença de conflitos familiares atrelados à homossexualidade do adolescente que foram evidenciados nos relatos e tidos como comuns nos comportamentos dos membros da família: violência psicológica (ameaça, chantagem, julgamentos morais e religiosos), violência física, imposição da heterossexualidade bem como investimento em estratégias para sua efetivação (silenciamento da sexualidade, estigmatização e exclusão). Em alguns casos, foi identificada preocupação com o bem-estar do adolescente frente ao preconceito social.

Em “Afetividade no Território Quilombola: uma Práxis Possível da Psicologia”, Costa e Edmundo (2021) objetivaram ampliar a compreensão sobre os afetos de crianças e jovens de comunidades rurais quilombolas em Psicologia efetivando uma pesquisa-intervenção psicossocial em Lagoa Trindade (Minas Gerais). Focado nos afetos que circulam no território, o estudo se comprometeu a produzir conhecimento de maneira integrada entre pesquisadores e sujeitos históricos, intervindo nos modos

de vida para construir uma práxis libertária, unindo teoria e prática em uma ação política transformadora.

No estudo “Sobre o amor entre mulheres: apontamentos sobre conjugalidade e sexualidade”, Silva e Menandro (2021) utilizaram o método fenomenológico para alcançar o significado das ações, atitudes e relações humanas, focando em parcerias afetivo-sexuais entre mulheres. Participaram do estudo cinco mulheres que coabitavam com suas parceiras há pelo menos um ano, com idade entre 25 e 37 anos e variadas escolaridades, rendas e configurações familiares. Proveio do estudo a compreensão que os relacionamentos afetivo-sexuais entre mulheres são caracterizados por uma complexa interseção entre violências históricas e a formação de novas configurações familiares baseadas em afeto, companheirismo e parceria.

Boffi e Santos (2023), no artigo “Percepções e expectativas de homens trans acerca dos relacionamentos afetivo-sexuais pós-transição”, estudaram as especificidades das vivências afetivas de homens transmasculinos. Participaram da pesquisa 15 homens autointitulados como transexuais. Os autores localizaram aspectos comuns em suas experiências afetivo-sexuais como a invalidação de sua identidade pela lógica binária baseada na materialidade corporal, a necessidade de flexibilizações pessoais e enfrentamentos de preconceitos impostos às suas parceiras, desconfiança e medo na busca por parceiras devido a possibilidade de invalidação de suas identidades ou fetichização de seus corpos, preocupação com o momento de revelação da identidade transmasculina à parceira e, como consequência dos aspectos mencionados, a redução das possibilidades de engajamento em relações amorosas.

E, na pesquisa “Vida contada, vida vivida: racismo e sofrimento psíquico”, Santos e Costa (2023) elegeram a atitude fenomenológica para compreender as experiências vividas por pessoas negras em Ceilândia, especialmente na comunidade Sol Nascente. Centrando a experiência vivida, buscou-se entender o fenômeno do “ser negro” através das histórias de vida dos participantes, sem pressupostos ou julgamentos prévios. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 9 participantes, que descreveram suas experiências de racismo e sofrimento psíquico.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO

No encaminhamento da análise e discussão, os artigos selecionados, em relação à temática, convergiram com questões iniciais e não foi localizado estudo que enfocasse e discutisse especificamente as relações afetivas marcadas pela intersecção entre etnia, gênero e sexualidade em relação ao cuidado, conforme defendido por Heidegger. No entanto, cada artigo selecionado contribuiu com a discussão no teor da integração pretendida.

Corrêa e Brojato (2016) assinalam que Heidegger (2012) afirma que o ser humano é um ser-aí com o uso do termo alemão *Dasein* referindo-se à condição inerente e essencial de o ser humano estar lançado em uma situação (disposição) que diz respeito à sua condição própria de existência no mundo. Como *Dasein*, fundamentalmente cada pessoa é ser-no-mundo. E, em relação com o mundo e no mundo, o *Dasein* coabita com dos demais *Dasein-com* (as demais pessoas), sendo-com-os-outros.

Dos Santos (2019) coloca que o *Dasein* é inerentemente ontológico, inseparável da dimensão afetiva que o constitui, pois está em relação com os demais com quem partilha o mundo. O *Dasein* pode até apresentar uma tonalidade afetiva (*Stimmung*) desarmônica diante de determinados enfrentamentos, mas nada pode interromper a sua disposição afetiva (*Befindlichkeit*), uma vez que ela é estrutural, fundamental.

Sobre a compreensão dos afetos à ótica da analítica existencial de Heidegger, Elpidorou e Freeman (2015, p.663-6649) ressaltam que *Befindlichkeit* (tonalidades) e *Stimmung* (humor) designam o mesmo fenômeno – tonalidades afetivas –, sendo *Befindlichkeit* um modo básico de existência e abertura para o mundo enquanto *Stimmung* consiste em diversas formas específicas pelas quais o ser-aí pode se relacionar com o mundo. Nesse ínterim, os afetos são a ponte que permite a travessia do âmbito ôntico para o ontológico ao *Dasein*.

Assim, é na possibilidade de ser ou não ser ele mesmo que o *Dasein* está circunscrito na liberdade ante seu horizonte histórico repleto de possibilidades de realização. Nesse sentido, o ser humano é livre para exercer o cuidado – *Sorge* (cura)

– que é expressão inerente de seu vir-a-ser dado seu estado de inacabamento e incompletude.

O cuidado, de acordo com Heidegger (2012), é a estrutura fundamental da existência humana que inclui tanto a preocupação com o mundo ao redor quanto com o próprio ser. Desse modo, segundo Fernandes (2011, p. 162), o cuidado

[...] tem o modo de ser da liberdade. Isto quer dizer que as estruturas do cuidado são estruturações da liberdade. Somente a partir do sentido de ser (horizonte de compreensibilidade) do ser-quem e da *liberdade* (*ser-livre*) é que pode acontecer a compreensão do poder-ser da presença e, por conseguinte, do cuidado.

Heidegger (2012) afirmará, portanto, que a autenticidade do cuidado se realiza quando o *Dasein* assume a responsabilidade pelo seu ser próprio, enfrentando a sua existência finita, e a inautenticidade se revela quando o *Dasein* foge dessa responsabilidade, perdendo-se no impessoal. O cuidado, portanto, conforme Borges-Duarte (2021) é a maneira de ser que distingue o ser humano em sua soberana dignidade.

Borges-Duarte (2021, p. 21) reforça que

As dimensões própria e imprópria desse encontrar-se sendo manifestam-se inevitavelmente em atmosferas particulares, individual e colectivamente configuradas, que marcam as formas de ser afectado e, correlativamente, desenvolver afeição relativamente ao que, assim, é encontrado. Essas formas de compreensão sempre já afectiva do mundo das coisas e dos outros, com quem convivemos, podem ser explicitadas tomando como ponto de partida diversos afectos.

Articulando essas noções no que tange as identidades LGBTQIAPN+ em relação a afetividade e o cuidado, os estudos selecionados conjuntam elementos específicos das experiências afetivas de casais de homens gays, casais de mulheres lésbicas, afetações de adolescentes homossexuais na relação com seus familiares, o duplo fardo social de homens gays com deficiências e as percepções de homens transexuais em suas relações afetivo-sexuais. Apesar de esses aspectos discutidos em cada artigo não contemplarem de forma representativa toda a comunidade LGBTQIAPN+, um fator comum é ressaltado no que se refere ao estigma enfrentado pelos membros da comunidade em relação a seus afetos e o cuidado que é inerente à cada pessoa: o estreitamento advindo da heteronormatividade.

Sousa e Moleiro (2015) localizaram na experiência de homens gays com deficiência tentativas de evitação e invisibilização da própria homossexualidade, havendo esforços para a identificação com a heterossexualidade e a presença de sentimentos como culpa e vergonha, dificuldades de enquadramento na sociedade devido às limitações da deficiência e processos de estigmatização e discriminação pelo “duplo fardo” de ser homossexual e ter uma deficiência. Tratando-se de uma pesquisa articulada ao entorno de uma variável específica além da homossexualidade, é possível apontar aos achados desse estudo o funcionamento da intersecção; nesse caso, não com a negritude, mas com a deficiência.

A heteronormatividade e a cismatatividade são instituições que controlam a sexualidade e o gênero dos indivíduos inseridos na sociedade, estigmatizando e tornando alvos de violências todos àqueles cuja sexualidade e gênero escapam ao exercício da heterossexualidade e do binarismo da identidade sexual. O estigma da heteronormatividade interrompe as vivências genuínas de homens gays levando-os ao evitamento de sua sexualidade, algo tão intrínseco na ontologia do ser-aí. Para além da heteronormatividade, o estigma do capacitismo alia-se a equação fortalecendo os sentimentos limitantes do sujeito, emergindo da intersecção entre homossexualidade e deficiência a necessidade de enfrentamento de um estigma social duplo.

Borges, Magalhães e Féres-Carneiro (2017), na pesquisa sobre a conjugalidade de homens gays, assinalaram especificidades incomuns nas vivências de casais heteroafetivos como a evitação da exposição social da relação permitida naturalmente aos heterossexuais, o sofrimento de consequências de estigmas sociais e preconceitos em relação a sua orientação sexual, a frustração das expectativas dos familiares junto a dificuldade de vinculação com outros parentes, as limitações quanto à procriação de filhos biológicos do casal e a baixa visibilidade estatística e em políticas públicas no Brasil.

Essas questões são exclusivas e enfrentadas por casais homoafetivos justamente por serem desafios amparados no estigma social gerado pela cisheteronorma. Novamente, são encontrados elementos que caracterizam uma força que se opõe ao exercício livre da afetividade de homens gays, dessa vez no que cerca a conjugalidade. Não basta os enfrentamentos vivenciados na “saída do armário” e

nas relações familiares. E em relações explicitamente homoafetivas, o ser-aí permanece sendo convocado a se posicionar diante dos obstáculos da estigmatização.

Borges; Magalhães; Féres-Carneiro, 2017 ainda destacaram que, devido ao preconceito e a perseguição que muitos homossexuais sofreram, incluindo de suas próprias famílias de origem, eles se tornam mais propícios a considerar como família as pessoas por quem se sentem aceitos, amados e respeitados. Tal perspectiva coincide ao defendido por Mata *et al.* (2017) que em sua pesquisa sobre relações familiares de adolescentes homossexuais ressaltaram que a maioria deles enfrenta conflitos familiares gerados pela homofobia internalizada no seio familiar, constituindo-se um ambiente permeado de ameaça, chantagem, ofensa, agressão física e verbal, coerção da liberdade, além de julgamentos morais e religiosos.

As interferências na dimensão afetiva de pessoas LGBTQIAPN+ começam desde a adolescência, desde o momento de sua autoidentificação como pessoas fora da cisheteronorma, e aquilo que o adolescente aprendeu com sua família, amigos, instituições escolares e religiosas afetará seu posicionamento ante a própria homossexualidade, podendo comprometer os modos como viverá sua orientação e identidade.

Mata *et al.* (2017) ainda pontuam que adolescentes homossexuais encontram a negação como modo de se auto proteger – assim como no caso dos gays com deficiência no estudo de Sousa e Moleiro (2015) – e, se identificados como homossexuais por suas famílias, podem experimentar coerção dos familiares para adaptarem-se à norma sexual hegemônica, sendo os valores religiosos um combustível para a cristalização do comportamento heterossexual como norma social e potencializador dos conflitos entre familiares e adolescentes. Por isso, é possível que os desafios na relação familiar, dada a sua importância, ressoem durante grande parte da vida do *Dasein*, que pode acabar por vivenciar sua abertura afetiva com uma tonalidade desbalanceada, tomando atitudes influenciadas por medos e inseguranças em suas relações.

Esses medos e inseguranças são pontos em comum nas experiências afetivo-sexuais de homens transmasculinos, conforme o estudo de Boffi e Santos (2023), que

destacam a exotização dos corpos trans como um dos principais causadores, tratando-se do “apagamento de qualquer vestígio de laço afetivo entre os corpos” (p. 11), ou seja, eles são procurados por pessoas que buscam unicamente viver a experiência sexual com alguém cujo corpo foge à cisheteronormatividade pela presença da vagina, mas não estão dispostos ao envolvimento afetivo com a pessoa trans, muito menos abertos à possibilidade da construção de uma relação amorosa, o que leva os homens trans a sustentarem uma frequente desconfiança diante das interações afetivo-sexuais por não terem certeza se consistem em aproximações genuínas ou uma fetichização da materialidade de seus corpos.

Uma constatação importante a partir do estudo de Boffi e Santos (2023) versa sobre o entendimento de que a fetichização dos homens trans parece ser análoga às experiências vivenciadas pelas mulheres trans e pelas travestis, consistindo-se de uma especificidade das relações afetivo-sexuais de pessoas trans. No caso da transexualidade, também pode ocorrer o atravessamento por um duplo estigma, visto que trata-se de uma existência que rompe com a lógica binária de gênero na qual o sexo biológico define a identidade de gênero de uma pessoa, adentrando para a reflexão duas características distintas: a identidade de gênero e a orientação sexual, uma intersecção de componentes dentro da sigla LGBTQIAPN+.

Boffi e Santos (2023) ainda destacaram que grande parte dos homens trans entrevistados se auto identificaram como heterossexuais, enquanto alguns pronunciaram-se como pansexuais ou bissexuais, o que significa que, enquanto heterossexuais, sua atração estaria direcionada a mulheres e, enquanto pansexuais e bissexuais, se sentiriam atraídos também por homens e pessoas identificadas de outras formas. No entanto, o exercício de suas sexualidades não alteraria o fato de que continuariam sendo homens trans, sendo a validação de suas identidades transmasculinas um dos desafios abordados pelos autores no artigo ao resgatarem uma afirmação de Oliveira e Parra (2014) que explicam que o sentimento de pertencimento ao gênero masculino é descredитado dado uma parte do corpo do homem trans (a vagina) não cumprir as expectativas culturalmente atreladas ao masculino.

Os participantes da pesquisa realizada por Boffi e Santos (2023) revelaram medos, inseguranças e desconfortos comuns em seus relatos e descreveram se sentir

desconfortáveis em relações com mulheres lésbicas, que aproximavam-se deles por conta da presença da vagina, causando o sentimento de invalidação de sua identidade de gênero. Apontaram ainda para uma baixa probabilidade de envolvimento afetivo com mulheres heterossexuais por tomarem a ausência do pênis como um impedimento para a relação. E elegeram as mulheres bissexuais como as parceiras mais prováveis devido a se sentirem atraídas tanto pela aparência masculina quanto pela genitália feminina ou próteses penianas.

Além do mais, foram abarcados nos atravessamentos específicos dos homens trans a preocupação com o momento da revelação de sua identidade perante parceiras(os) afetivo-sexuais, a necessidade de flexibilizações pessoais e enfrentamentos de preconceitos impostos às(aos) suas(eus) parceiras(os) e, como consequência final, a redução na probabilidade de engajamento em relações afetivas em geral.

Fica explícito que a soma de uma identidade de gênero distinta das expectativas da cisheteronormatividade acrescenta uma gama de enfrentamentos para além dos atravessamentos visualizados nas experiências de pessoas homossexuais, estando a prática da afetividade das pessoas trans cercada de implicadores que inibem ainda mais intensamente a sua liberdade originária para fazer escolhas, possivelmente desequilibrando a tonalidade de seus afetos e dificultando seus modos de ser-com-o-outro-no-mundo. Afinal, o quanto desafiador é acessar uma liberdade que também gera angústia e sofrimento?

Silva e Menandro (2021) abordaram em seu estudo sobre o amor entre mulheres uma necessidade de viver suas relações conjugais discretamente ou, novamente, através de tentativas de invisibilidade da relação, que ocorrem por vias do compartilhamento imediato de uma habitação privada, segura para a expressão da intimidade em relação aos espaços públicos. A busca por um ambiente seguro estaria ligada à falta de apoio familiar, um fator que junto a invisibilização, também identificada nas discussões dos artigos analisados até então.

O preconceito contra lésbicas é denominado na pesquisa de Silva e Menandro (2021) como “lesbofobia” e, como uma alternativa de invisibilização, o estudo destaca o estreitamento da identidade à adesão de estereótipos de feminilidade difundidos

socialmente, ou seja, quanto mais feminina conforme as expectativas da sociedade, menores as chances de ser percebida como lésbica e sofrer do estigma atrelado a esse rótulo.

A deslegitimização de relacionamentos amorosos entre mulheres é outro componente identificado no artigo mencionado. Muitas vezes, casais lésbicos são entendidos como “amigas” ou “irmãs”, algo que acaba sendo agregado entre as estratégias de invisibilização social utilizadas pelas mulheres homossexuais. A partir dessa lógica, Silva e Menandro (2021) levantaram a possibilidade de que a “saída do armário” ou *coming out* de mulheres seja mais fácil a dos homens devido a perspectiva machista pela qual o relacionamento entre mulheres é visto pela sociedade em comparação aos relacionamentos entre homens, havendo um leque mais amplo de expressões afetivas admitido socialmente entre mulheres.

Silva e Menandro (2021) concluem que a violência simbólica é a que dá origem aos apagamentos político, social, moral, psicológico e afetivo na existência do amor entre mulheres. O termo “violência simbólica” se integra à presente discussão, tendo em consideração que o ponto de convergência de todas as experiências narradas e costuradas até esse ponto é justamente simbólico: a cisheteronormatividade. É dessa normatização – naturalizada, não questionada e estreitadora – que surge a violência simbólica que alimenta todas as demais violências enfrentadas por pessoas LGBTQIAPN+ nos diversos âmbitos de suas existências.

Levando-se em conta a ampliação do horizonte de enfrentamentos específicos de pessoas LGBTQIAPN+ no exercício de suas relações afetivas destacadas nos artigos analisados, tem-se em vista que todos os fatores citados são potenciais agravantes da interferência na afetividade dessas pessoas, sendo necessário o posicionamento de casais homoafetivos ou transcentrados não somente diante de atravessamentos próprios da relação, mas também de desafios advindos do estigma social e do preconceito.

Uma vez que o cuidado é uma totalidade que tem o modo de ser da liberdade, e considerando que frequentemente as pessoas da comunidade LGBTQIAPN+ têm sua liberdade ameaçada ou são privadas dela, a análise sustentada até então indica que se torna desafiador o exercício do cuidado nas relações homoafetivas e

transcentradas. A afetividade de uma pessoa LGBTQIAPN+ é impedida de fluir naturalmente ao passo em que, em uma relação amorosa, os envolvidos também precisam lidar com as tentativas de censura de sua existência própria – pessoal – e da existência da relação.

Agregando a questão racial, indispensável para que seja feita a intersecção com os levantamentos sobre as questões LGBTQIAPN+, faz-se necessário uma explicitação dos achados a respeito das vivências afetivas de pessoas pretas.

A relação entre afeto, identidade e resistência nos territórios quilombolas apresentou uma complexidade que entrelaça o sofrimento psíquico e as dinâmicas de racismo estrutural, conforme explorado nas pesquisas de Costa e Edmundo (2021) e Santos e Costa (2023). A partir dos resultados desses estudos, emerge uma compreensão sobre como esses elementos se articulam e se transformam mutuamente.

Costa e Edmundo (2021) destacaram que o sofrimento ético-político, resultante das relações e interações sociais, pode ser transformado por meio dessas mesmas relações. Em contextos quilombolas, os encontros e as interações sociais tornam-se, portanto, espaços cruciais para a construção de ações políticas que visam superar desigualdades sociais. Ao examinar a comunidade de Lagoa Trindade, os autores observaram narrativas contraditórias sobre o que significa ser quilombola, refletindo tanto a afirmação quanto a negação da identidade afrodescendente. Essa ambivalência é um reflexo direto do racismo estrutural, que impõe desafios constantes à manutenção da identidade coletiva, perpetuando estereótipos, limitando oportunidades e negando formas autênticas de existência e pertencimento dentro da sociedade.

Santos e Costa (2023), por sua vez, enfocando o racismo e sofrimento psíquico, complementam apontando que a identidade negra é diretamente impactada por um mundo dominado por ideais brancos. A pressão para que ocorra a adesão desses ideais causa um profundo sofrimento psíquico, manifestado em formas de humilhação e discriminação que são vividas no corpo e na alma.

A dor psíquica, muitas vezes identificada como uma ferida aberta, é exacerbada pela necessidade de criar arranjos para lidar com a humilhação e a discriminação constantes. Essa dinâmica é exemplificada pelo relato de uma entrevistada do estudo de Santos e Costa (2023) que se sentiu como um "toco no chão", destacando a desumanização imposta pelo racismo. Mais uma vez, fala-se de uma violência simbólica advinda de uma normatização, mas agora com uma origem de segregação étnico-cultural.

A proposta de "territórios dos afetos" apresentada por Almeida (2014), citada por Costa e Edmundo (2021), é particularmente relevante nas tramas dessa análise. Tais territórios representam espaços onde a conexão entre afeto e território se torna uma ação política afirmativa, essencial para a manutenção e redefinição da vida e da potência comunitária. Essa noção se alinha com a visão de Santos e Costa (2023) de que o racismo contínuo e estrutural não apenas causa sofrimento psíquico, mas também exige uma resistência constante e uma reinterpretação das relações afetivas e identitárias.

No âmbito da natureza dos encontros potentes, conforme colocado por Costa e Edmundo (2021) ao citarem Espinosa (1983), possibilita-se a construção de memórias e singularidades que transformam as relações. Em um contexto de racismo estrutural, essas interações são importantes para a sobrevivência e essenciais para a reafirmação e resistência identitária. Esta perspectiva é corroborada por Santos e Costa (2023) que enfatizaram como a experiência do corpo negro e a necessidade de criar arranjos para lidar com a discriminação refletem uma busca contínua por sentido e pertencimento.

Em relação ao sofrimento psíquico causado pelo racismo, a noção de cuidado é crucial para entender como as pessoas negras lidam com as consequências emocionais e sociais dessa experiência. A dor resultante do racismo não apenas afeta a saúde mental individual, mas também tem repercussões significativas nas relações pessoais e sociais das pessoas negras. Ela pode criar barreiras emocionais que dificultam a formação de vínculos afetivos profundos e genuínos, enquanto também desafia a construção de uma identidade coletiva autêntica.

Assim, interseccionalizando as questões específicas enfrentadas pela pessoa preta e os desafios postos diante da pessoa LGBTQIAPN+, a constituição ontológica fundamental de cada pessoa, enquanto *Dasein*, é nocauteada de atravessamentos que contrapõem sua autenticidade, suas escolhas e sua afetividade, não somente nas relações, mas na estruturação própria e inerente às suas condições de ser que afeta e é afetado para que explore seu potencial ontológico e exerça o cuidado tão fundamental da existência.

Todavia, essa discussão enlaça que a pessoa preta LGBTQIAPN+ precisa lidar com ideais estigmatizados que forçam a reestruturação de sua existência para uma padronização mais aceitável socialmente, o que gera sofrimento. Para além das particularidades das relações, a pessoa preta LGBTQIAPN+ ainda enfrenta a exclusão social nos grupos aos quais deveria encontrar amparo e solidariedade, podendo sofrer do racismo presente na comunidade LGBTQIAPN+ e sofrer da homofobia internalizada em ideias heteronormativas na comunidade negra.

Nessa linha, tornam-se mais limitadas as possibilidades de relações afetivas e amorosas e os contextos de acolhimento e compreensão para o ser-aí envolto da interseccionalidade entre negritude, sexualidade e gênero.

Ao fortalecer comunidades afrodescendentes contra as adversidades do racismo estrutural e comunidades LGBTQIAPN+ contra o estigma da cisheteronormatividade projeta-se que será possível contribuir para a promoção de um cuidado autêntico e significativo próprio ao ser-aí em sua relação consigo mesmo e com os outros. Isso pode não só proporcionar um senso renovado de identidade e pertencimento, mas também intensificar o *Dasein* em seus posicionamentos conscientes e genuínos no enfrentamento de seus desafios existenciais.

Uma vez que os afetos são a passagem que favorece o percurso do domínio ôntico ao ontológico ao *Dasein*, e considerando que a presente discussão elucidou a grande dificuldade da pessoa preta LGBTQIAPN+ no exercício de seus afetos, comprehende-se que o estigma social e suas consequências não só influenciam as relações afetivas e amorosas dessas pessoas, mas são também obstáculos na realização de sua liberdade, todavia, que não é destituída do ser próprio de cada pessoa.

Cada pessoa, sendo *Dasein*, é configuradora do mundo, sendo capaz de criar, “a partir do poder-ser, outra forma de essencializar-se do humano, na qual a humanidade do homem não se encontre fechada, mas aberta para o mistério de ser” (Fernandes, 2011, p. 162). É por conta do mistério de ser que cada vez mais novas identidades explicitam a comunidade LGBTQIAPN+, pois as limitações das perspectivas heteronormativas não contemplam a dimensão ontológica do ser-aí.

Nesse sentido, emerge a importância da constante desconstrução de um mundo simbólico de valores limitantes para que todo *Dasein*, independentemente de sua etnia, sexualidade ou identidade de gênero, possa acessar sua liberdade e, através dela, exercer em sua relação consigo e ao estar-no-mundo-com-o-outro, o cuidado existencial que propiciará a manifestação daquilo que há de mais genuíno em seu modo de ser e em seus afetos transcendendo todos as formas de estreitamento e violência que silenciam a verdade existencial que lhes constitui.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dada a incipienteza de artigos em relação à temática pertinente a esse estudo, principalmente a respeito das questões raciais afetivas, a análise costurada não contemplou todos os aspectos levantados na introdução, o que não significa necessariamente a deslegitimização desses fatores, mas sim, a confirmação da necessidade de maior atenção dos meios acadêmico e científico para o campo afetivo singular da pessoa preta LGBTQIAPN+.

O percurso da pesquisa foi enriquecedor, íntimo e extraordinário, mas acima de tudo, desafiador. A apreciação das produções selecionadas reafirmou muitas das violências presentes no campo da vida e detalhou novas formas de sofrimento específicas da pessoa preta LGBTQIAPN+ que vão desde a violência sofrida pela família e pela sociedade até aquela praticada pela própria pessoa através de sua escolha de invisibilização em uma existência marginal na qual suas possibilidades ontológicas são inibidas de florescimento.

Prevalece a noção de uma violência simbólica advinda dos estigmas da cisheteronormatividade e do racismo estrutural, violência que alimenta práticas ofensivas e degradantes no meio social, entre famílias e em instituições, com destaque às religiosas.

A pessoa preta LGBTQIAPN+ tem suas vivências afetivas atravessadas por uma intensa gama de desafios. As violências sofridas pela família em forma de coersão, agressão e desamparo podem gerar dificuldades na expressão natural da sexualidade. Ocorrem agravantes na autoimagem da pessoa preta LGBTQIAPN+ devido a constante exposição ao estigma da cisheteronormatividade e da branquitude, nos quais a pessoa branca cisgênero e heterossexual é privilegiada com visibilidade, liberdade e direitos.

Existe a possibilidade de a pessoa preta LGBTQIAPN+ ser alvo de racismo na própria comunidade LGBTQIAPN+ e de homofobia na comunidade negra, causando uma diminuição de seus contextos de compreensão e amparo. E as suas relações afetivas e amorosas são afetadas por medos e inseguranças, além da própria redução de possibilidades afetivas por conta das dificuldades desestimulantes a serem enfrentadas.

Espera-se que a discussão elaborada seja fomento para estudos em Psicologia que contemplem os desafios particulares advindos da interseccionalidade entre etnia, sexualidade e identidade de gênero, além de servir como fonte de instrumentalização para os profissionais que desejem realizar atendimentos adequados aos públicos da comunidade negra e da comunidade LGBTQIAPN+.

Que a disseminação desse conhecimento permita a atualização de profissionais da Psicologia para que atuem como aliados na luta contra a discriminação racial, sexual e de gênero, proporcionando transformação à sociedade de forma a torná-la mais aberta e inclusiva à diversidade das expressões de cuidado e afeto, pois o amor é vivenciado de muitas formas e o ser humano, na sua inerente condição de ser-aí, é capaz de essencializar-se no mundo para além de quaisquer construções sociais e preconceitos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. **Território de Afetos: práticas femininas antirracistas nos quilombos contemporâneos do Rio de Janeiro** [Tese de doutorado]. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP. 2014.

BARRETO, Rafael Chaves Vasconcelos; AMARAL, Rodolpho. O espaço escolar e a sujeição: a memória que fica das subjetividades sexuais não-normativas. In: HILÁRIO, Rosangela Aparecida *et al.* **Educação, Raça, Gênero e Sexualidades: perspectivas plurais**. Curitiba: CRV, 2021, p. 109-119.

BOFFI, Letícia Carolina; SANTOS, Manoel Antônio dos. Percepções e expectativas de homens trans acerca dos relacionamentos afetivo-sexuais pós-transição. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 43, p. e250825, 2023.

BORGES-DUARTE, Irene. **Cuidado e afectividade em Heidegger e na análise existencial fenomenológica**. Rio de Janeiro: PUC-Rio; NAU Editora; Lisboa: Documenta, 2021.

COLOMBO, Natalia. **Ciências humanas**: afeto, poder e interações. Ponta Grossa: Atena, 2020.

CORRÊA, Diogo Arnaldo; BROJATO, Henrique Costa. Experiência religiosa e saúde: uma perspectiva fenomenológica. **Revista Científica UMC**, v. 1, n. 1, 2016. Disponível em: <https://seer.umc.br/index.php/revistaumc/article/view/27>. Acesso em: 16 jun. 2024.

COSTA, Ana Flávia de Sales; EDMUNDO, Odair José Câmara. Afetividade no território Quilombola: uma práxis possível da psicologia. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 40, p. e230161, 2021.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 7, n. 12, p. 171-188, 2002.

DE CAMPOS BORGES, Carolina; MAGALHÃES, Andrea Seixas; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Nadando Contra a Corrente: A Vivência Conjugal de Homens Gays e a Heteronormatividade. **Psicologia em Estudo**, v. 22, n. 4, p. 597-608, 2017.

DIETRICH, Gabriel Henrique. A dimensão afetiva da existência humana à luz da fenomenologia hermenêutica: o caráter revelador das emoções em ser e tempo. **Griot: Revista de Filosofia**, Amargosa, v. 20, n. 1, p. 51-60, 2020.

DOS SANTOS, Giovani Augusto. Befindlichkeit e Stimmung: Os afetos na analítica existencial de Martin Heidegger. **Revista DIAPHONÍA**, v. 5, n. 1, p. 130-137, 2019.

ELPIDOROU, Andreas; FREEMAN, Lauren. Affectivity in Heidegger I: Moods and emotions in Being and Time. **Philosophy Compass**, v. 10, n. 10, p. 661-671, 2015.

ESPINOSA, B. **Ética demonstrada à maneira dos geômetras.** In: B. Espinosa. **Os pensadores.** Santos, SP: Nova Cultural, 1983, p. 69-299.

FAÇANHA, Camille; SILVA Elisabete Gonçalves da; MEIRA Janderson Costa; CASTRO Ewerton Helder Bentes de. Pessoas LGBTQUIA+ preconceito e superação: movimento para além da dor e do sofrimento sob o viés da fenomenologia. **Revista Educamazônia**, Manaus, v. 13, n. 2, p. 348-408, 2021.

FERNANDES, Marcos Aurélio. O cuidado como amor em Heidegger. **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**, v. 17, n. 2, p. 158-171, 2011.

GOULART, Vincent Pereira. **Psicologia e despatologização da população de pessoas trans e travestis: repensando as práticas Psi** [Monografia]. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Repositório Digital LUME – UFRGS, 2018.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo.** Tradução de Fausto Castilho. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

KAHLMEYER-MERTENS, Roberto Saraiva. Do cuidado em sua tríplice estruturação e sua conexão com a decisão por um sentido próprio à existência. **Sofia**, v. 10, n. 1, p. 74–95, 2022.

MATA, Nely Dayse Santos da; SILVA, Marcelo Henrique da; DOMINGOS, Selisvane Ribeiro da Fonseca; JESUS, Maria Cristina Pinto de; MERIGHI, Miriam Aparecida Barbosa. Adolescentes homossexuais e suas relações com familiares: estudo fenomenológico. **Online Brazilian Journal of Nursing**, v. 16, n. 4, p. 409-419, 2017.

OLIVEIRA, A. L. G.; PARRA, C. R. Violência e identidade em *Meninos não Choram*. **Inter-Legere**, v. 14, n. 14, p. 1-18, 2014.

PIOVESAN, Armando; TEMPORINI, Edméa Rita. Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 29, n. 4, p. 318-325, 1995.

ROEHE, Marcelo Vial. A psicologia Heideggeriana. **Psico**, v. 43, n. 1, 2012.

SÁ, R. N. de. Afeto e cuidado: uma perspectiva daseinsanalítica. **Aoristo - International Journal of Phenomenology, Hermeneutics and Metaphysics**, v. 5, n. 2, p. 16–28, 2022.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer.** Tradução: Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

SANTANA, Maria Karolyne Reis. Os padrões de beleza: recorte sobre as mídias sociais e sobre o corpo negro. **Revista Três Pontos**, Minas Gerais, v. 17, n. 1, p. 59-64, 2022.

SANTOS, Josenaide Engracia dos; COSTA, Ileno Izidio da. Vida contada, vida vivida: racismo e sofrimento psíquico. **Serviço Social & Sociedade**, v. 146, p. e6628328, 2023.

SILVA, Ana Lúcia Gomes da; SILVA, Jerônimo Jorge Cavalcante; RODRÍGUEZ, Victor Manuel Amar. **Interseccionalidades em pauta: gênero, raça, sexualidade e classe social.** EDUFBA, Salvador: 2020.

SILVA, Gabriela Boldrini da; MENANDRO, Maria Cristina Smith. Sobre o amor entre mulheres: apontamentos sobre conjugalidade e sexualidade. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, v. 14, n. 2, p. 1-23, 2021.

SILVA, Tamires Beatriz Ratis da. Mulher negra: seu corpo como símbolo sexual. **Revista Eletrônica da Estácio Recife**, v. 6, n. 3, p. 1-6, 2021.

SOUSA, Mónica José Abreu; MOLEIRO, Carla Marina Matos. Homens gays com deficiência congénita e/ou adquirida, física e/ou sensorial: duplo-fardo social. **Sexualidad, Salud y Sociedad** (Rio de Janeiro), n. 20, p. 72–90, 2015.